

O EXCITANTE BESTSELLER INTERNACIONAL

Liberta-me

Só a paixão dele
conseguirá libertá-la

Romance

Para
os fãs dos livros
de E L James
e Sylvia Day

J. Kenner



TOPSELLER

Uma brisa fresca vinda do oceano acaricia-me os ombros nus e faz-me estremecer: quem me dera ter seguido o conselho da minha companheira de casa e trazido um xaile. Só cheguei a Los Angeles há quatro dias e ainda não me habituei à ideia de as temperaturas no verão descerem com o pôr do sol. Em Dallas, em junho faz calor, julho aquece mais e agosto é um inferno.

Não se passa o mesmo na Califórnia, pelo menos junto à praia. Lição n.º 1 de Los Angeles: Se saíres à noite, leva sempre um agasalho.

É claro que eu poderia sair da varanda e voltar para a festa lá dentro. Conviver com os milionários. Tagarelar com as celebridades. Admirar respeitosamente os quadros. Estamos na inauguração de uma exposição, e o meu patrão trouxe-me para conhecer, cumprimentar, encantar e conversar. Não para ficar extasiada com o panorama que ganha vida à minha frente. Nuvens vermelhas como sangue a explodirem no céu de um tom claro de laranja. Ondas azul-acinzentadas onde cintilam pontos dourados.

Apoio as mãos na amurada da varanda e debruço-me para a frente, atraída pela beleza intensa e inalcançável do pôr do sol, arrependendo-me de não ter trazido a *Nikon* maltratada que já tenho desde os tempos da escola secundária. Não que me tivesse cabido na carteira diminuta. E uma mala volumosa para uma

máquina fotográfica com um simples vestido preto é um grande erro de estilo.

Porém, diante do meu primeiro pôr do sol sobre o oceano Pacífico, decido-me a documentar o momento. Saco do meu *iPhone* e tiro uma fotografia.

— Quase faz com que os quadros lá dentro pareçam redundantes, não acha?

Reconheço a voz rouca e feminina e viro-me para Evelyn Dodge, atriz reformada que depois se fez agente e, por fim, mecen-
nas das artes — e que é a minha anfitriã desta noite.

— Peço imensa desculpa. Sei que devo parecer uma turista tonta, mas a verdade é que não temos pores do sol destes em Dallas.

— Não peça desculpa — diz ela. — Eu pago pela vista todos os meses quando passo o cheque para pagar a hipoteca ao banco. É bom que seja espetacular, caraças.

Rio-me, imediatamente mais à vontade.

— Está aqui escondida?

— Perdão?

— É a nova assistente do Carl, não é? — pergunta-me, referindo-se àquele que é o meu chefe há três dias.

— Nikki Fairchild.

— Já me lembro. A Nikki que veio do Texas. — Observa-me de cima a baixo e fico a pensar se estará desapontada por eu não ter uma grande cabeleira e botas à *cowboy*. — Então, quem é que ele quer impressionar?

— Impressionar? — repito eu, como se não soubesse perfeitamente o que ela queria dizer.

Ela arqueia apenas uma sobrancelha.

— Querida, o homem preferiria andar sobre carvões em brasa a vir a uma exposição artística. Anda à pesca de investidores e a menina é o isco. — Emite um som brusco e gutural. — Não se preocupe. Não vou insistir para que me conte quem é.

E não a julgo por se ter escondido. O Carl é genial, mas é um bocado intratável.

— Eu assinei contrato com a parte genial — replico, ao que ela solta uma risada.

Mas a verdade é que ela tem razão quanto a eu ser o isco.

— Usa um vestido de gala — dissera-me o Carl. — Qualquer coisa sedutora.

Estás a falar a sério? Quer dizer: mesmo a sério?!

Deveria ter-lhe dito que usasse ele um vestido de gala. Mas não o disse. Porque quero este emprego. Esforcei-me por conseguir este emprego. Nos últimos dezoito meses, a empresa do Carl, a C-Squared Technologies, lançou três produtos cibernéticos com bons resultados. Esse feito chamou a atenção da indústria e o Carl tinha sido considerado um homem a manter debaixo de olho.

Mais importante, na minha perspetiva, era que isso implicava que ele era um homem com quem eu poderia aprender, pelo que me preparara para a entrevista de emprego com uma intensidade a raiar a obsessão. Obter aquele lugar fora uma coisa em grande para mim. Que importava que ele quisesse que eu vestisse algo sedutor? Era um pequeno preço a pagar.

Merda.

— Tenho de voltar à festa e fazer de isco — digo-lhe.

— Oh, raios. Agora fiz com que se sentisse culpada ou envergonhada. Não fique assim. Deixe-os emborcarem bem primeiro. Seja como for, apanham-se mais moscas com álcool. Acredite em mim. Sei o que estou a dizer.

Ela tem um maço de tabaco na mão; depois de tirar um cigarro, oferece-me um. Abano a cabeça. Adoro o cheiro a tabaco — traz-me o meu avô à memória —, mas inalar o fumo não me diz nada.

— Estou demasiado velha e acomodada para deixar de fumar — diz ela. — Mas Deus me livre de o fazer na minha própria casa,

com um raio. Juro, linchavam-me. Não vai começar a dar-me um sermão sobre os perigos do fumo passivo, pois não?

— Não — prometo eu.

— Então e um isqueiro?

Mostro-lhe a carteira minúscula.

— Um batom, um cartão de crédito, a carta de condução e o telemóvel.

— E não traz um preservativo?

— Não pensei que fosse esse género de festa — respondo secamente.

— Eu sabia que gostava de si. — Olha em volta. — Mas que raio de festa estou eu a dar sem uma única vela numa das mesas, caramba? Bem, que se lixe. — Leva o cigarro por acender à boca e inala, de olhos fechados e uma expressão deliciada. Não posso evitar gostar dela. Quase não usa maquilhagem, ao contrário de todas as outras mulheres aqui presentes, incluindo eu, e o seu vestido é mais um cafetã, com um tecido estampado em batique que forma um padrão tão interessante como a própria mulher.

É o que a minha mãe chamaria de uma tipa berrante — barulhenta, imponente, cheia de opiniões e de confiança. Tê-la-ia detestado. Eu acho que ela é o máximo.

Deixa cair o cigarro apagado no chão de mosaicos e esmaga-o com a ponta do sapato. Depois faz sinal a uma das empregadas, uma rapariga toda vestida de preto com uma bandeja de copos de champanhe.

A rapariga demora-se um pouco a abrir a porta deslizante que dá passagem para a varanda e eu imagino todas aquelas *flûtes* a caírem, a quebrarem-se nos mosaicos duros, com os cacos espalhados a cintilarem como um banho de diamantes.

Imagino-me a dobrar-me para apanhar uma base partida. Vejo a aresta viva a cortar-me a pele macia do polegar enquanto o aperto. Vejo-me a apertá-lo com mais força, a tirar força da dor, à semelhança de quem tenta extrair a sorte de uma pata de coelho.

A fantasia mescla-se com a memória e a sua potência desnor-teia-me. É rápida e poderosa e também perturbadora, porque há muito tempo que não preciso da dor e não percebo a razão por que estou a pensar nisso agora, quando me sinto estável e com tudo sob controlo.

Eu estou bem, penso. Eu estou bem, eu estou bem, eu estou bem.

— Tome, querida — diz a Evelyn num tom descontraído, oferecendo-me uma *flûte* de champanhe.

Hesito, perscrutando-lhe o rosto em busca de sinais de que a máscara me tenha caído e proporcionado um vislumbre do meu ser em bruto. Mas a face dela continua límpida e cordial.

— Não, não recuse — acrescenta, interpretando erradamente a minha hesitação. — Comprei uma dúzia de caixas e detestaria ver bom álcool a ser desperdiçado. Raios, não — acrescenta quando a rapariga tenta passar-lhe um copo. — Odeio isso. Traga-me um vodka. Simples. Gelado. Quatro azeitonas. Despache-se. Quer ver-me a secar como uma folha e a ser levada pelo vento?

A rapariga abana a cabeça, parecendo-se um pouco com um coelho nervoso e assustado. Talvez um que tivesse sacrificado uma pata para dar boa sorte a outra pessoa.

A atenção da Evelyn volta a centrar-se em mim.

— Então, está a gostar de Los Angeles? O que é que já viu? Onde tem estado? Já comprou um mapa das estrelas? Santo Deus, diga-me que não está a ser sugada por essas tretas turísticas todas.

— O que mais tenho visto são quilómetros de autoestrada e o interior do meu apartamento.

— Ora, isso é muito triste. Fico ainda mais satisfeita por o Carl lhe ter dado um pontapé nesse rabiosque magrinho para a obrigar a vir.

Engordei uns bons sete quilos desde os tempos em que a minha mãe controlava todos os pedacinhos de comida que me entravam na boca e, ainda que esteja perfeitamente satisfeita com o meu traseiro de tamanho 38, não o descreveria como

«magrinho». Mas compreendo que a Evelyn estava a fazer-me um elogio, pelo que sorrio.

— Também estou satisfeita por ele me ter trazido. Os quadros são mesmo incríveis.

— Ora, não faça isso... não se deixe levar pela rotina da conversa educada. Não, não — diz ela antes que eu possa protestar. — Tenho a certeza de que estava a falar a sério. Raios, as pinturas são mesmo maravilhosas. Mas está a ficar com o olhar inexpressivo de uma rapariga bem-comportada e isso não pode ser. Não agora, que eu começava a conhecê-la realmente.

— Desculpe — peço. — Juro que não estou a esquivar-me.

Como gosto genuinamente dela, não lhe digo que se engana — que não conheceu a verdadeira Nikki Fairchild. Conheceu a Nikki Social que, muito à semelhança da *Barbie Malibu*, vem com um conjunto completo de acessórios. No meu caso, não é um biquíni e um descapotável. Em vez disso, trago o *Guia de Elizabeth Fairchild para Reuniões Sociais*.

A minha mãe tem muito jeito para seguir e ditar regras. Diz que isso se deve à sua educação sulista. Nos meus momentos de maior fraqueza, concordo com ela. Na maior parte do tempo, acho só que é uma cabra controladora. Desde a primeira vez que me levou a tomar chá na Mansão de Turtle Creek, em Dallas, tinha eu três anos, que as regras me têm sido marteladas na cabeça. Como andar, como falar, como me vestir. O que comer, quanto beber, que tipo de piadas dizer.

Tenho tudo memorizado, todos os truques, todas as nuances, e uso o meu sorriso ensaiado de concurso de beleza como uma armadura contra o mundo. Em resultado, duvido que fosse capaz de ser eu própria numa festa, mesmo que a minha vida dependesse disso.

Isto, todavia, não é algo que a Evelyn precise de saber.

— Onde é que está a viver, ao certo? — pergunta-me.

— Em Studio City. Partilho um apartamento com a minha melhor amiga do liceu.

— É sempre em frente pela 101, do trabalho até casa e vice-versa. Não admira que só tenha visto betão. Ninguém lhe disse que deveria ter arrendado um apartamento no Westside?

— É demasiado caro para ir para lá sozinha — admito, percebendo que isso a surpreende.

Quando me esforço — como quando sou a Nikki Social —, dou sempre a impressão de ter crescido com dinheiro. Provavelmente porque isso corresponde à verdade. Cresci com dinheiro, de facto. O que não significa que o tenha trazido comigo.

— Que idade tem?

— Vinte e quatro.

A Evelyn acena com a cabeça e faz uma expressão sábia, como se a minha idade revelasse algum segredo a meu respeito.

— Não há de demorar a querer um lugar só para si. Quando isso acontecer, telefone-me, que arranjam-lhe um espaço com vista. Não tão boa como esta, claro, mas poderemos conseguir algo melhor do que a saída de uma autoestrada.

— Não é assim tão mau, juro.

— É claro que não — diz ela, num tom que sugere exatamente o oposto. — Quanto à vista — continua ela, com um gesto que abarca o oceano, entretanto escurecido, e o céu, onde começam a florescer estrelas —, será bem-vinda sempre que quiser partir a minha.

— Sou capaz de aceitar — reconheço. — Adoraria trazer uma boa máquina fotográfica e tirar umas quantas fotos.

— O convite fica em aberto. Eu forneço a bebida e a Nikki pode ocupar-se do entretenimento. Uma jovem à solta na cidade. Será um drama? Uma comédia romântica? Espero que não seja uma tragédia. Sou tão dada a uma boa choradeira como qualquer outra mulher, mas gosto de si. Precisa de um final feliz.

Fico tensa, mas a Evelyn não sabe que atingiu um ponto sensível. Foi por isso que me mudei para Los Angeles, afinal. Uma nova vida. Uma nova história. Uma nova Nikki.

Rasgo ainda mais o sorriso da Nikki Social e ergo a minha *flûte* de champanhe.

— Aos finais felizes. E a esta festa incrível. Acho que já a mantive longe dela durante tempo que chegue.

— Tretas — diz ela. — Eu é que estou a monopolizá-la, e ambas o sabemos.

Voltamos para dentro, onde o burburinho de conversas alimentadas pelo álcool substitui a calma suave do oceano.

— A verdade é que sou uma anfitriã terrível. Faço o que quero, converso com quem quero e, se os meus convidados se sentem ofendidos, esse é um problema deles, não meu.

Fico boquiaberta. Quase ouço os gritos horrorizados da minha mãe, a chegarem-me de Dallas.

— Para mais — continua ela —, nesta festa não devo ser eu o centro das atenções. Preparei este pequeno evento para apresentar o Blaine e a sua arte à comunidade. Ele é que deveria estar a confraternizar, não eu. Posso andar a comê-lo, mas não vou fazer de ama-seca.

A Evelyn destruiu por completo a imagem que eu tinha da anfitriã do evento a-não-perder do fim de semana, e acho que, por causa disso, me apaixonei um pouco por ela.

— Ainda não conheci o Blaine. É aquele, não é?

Aponto para um homem alto e magro como um junco. É calvo, mas ostenta uma pera ruiva. Tenho praticamente a certeza de que aquela não é a sua cor natural. Há uma pequena multidão reunida à sua volta, como abelhas a retirarem néctar de uma flor. O seu fato, pelo menos, é tão brilhante como se fosse uma flor.

— Ali está o meu centro das atenções, pois é — diz a Evelyn. — O homem do momento. Talentoso, não é?

A sua mão abarca a imensa sala de estar. Todas as paredes estão cobertas de quadros. À exceção de uns quantos bancos, qualquer mobília que tenha estado nesta divisão foi retirada e substituída por cavaletes onde há mais pinturas.

Suponho que, em termos técnicos, serão retratos. Os modelos estão nus, mas não se trata de algo que se visse num livro clássico de arte. Há algo de perturbador nas imagens. Algo provocador e cru. Entendo que foram concebidas e executadas com mestria, mas inquietam-me, como se revelassem mais acerca da pessoa que observa o retrato do que sobre o pintor ou o modelo.

Tanto quanto me apercebo, sou a única pessoa a ter essa reação. Não há dúvida de que a multidão que rodeia o Blaine está encantada. A esta distância, ouço os elogios incessantes.

— Escolhi um vencedor, com aquele — comenta a Evelyn.
— Mas vejamos. Quem quer conhecer? Rip Carrington e Lyle Tarpin? Aqueles dois são drama garantido, disso não há dúvida, e a sua companheira de casa ficará morta de inveja se conversar com eles.

— Sim?

As sobranceiras da Evelyn arqueiam-se.

— O Rip e o Lyle? Há semanas que andam desavindos. — Fita-me com os olhos semicerrados. — O fiasco da nova temporada da *sitcom* deles? Na Internet não se fala de outra coisa... Tem a certeza de que não sabe quem são?

— Desculpe — digo eu, sentindo-me na obrigação de me justificar. — A faculdade não me deixava muito tempo livre. E estou certa de que imaginará como é trabalhar para o Carl.

Por falar nele...

Olho em volta, mas não vejo o meu patrão em lado algum.

— Isso constitui uma falha grave na sua educação — afirma a Evelyn. — A cultura (e, sim, a cultura *pop* também conta) é tão importante quanto... o que disse que tinha estudado?

— Acho que não o mencionei. Mas tenho o curso de engenharia eletrónica e o de ciências da computação.

— Então, é bonita e inteligente. Está a ver? Mais uma coisa que temos em comum. Mas tenho de lhe dizer que, com uma formação dessas, não entendo porque aceitou ser secretária do Carl.

Rio-me.

— Não sou secretária dele. O Carl andava à procura de alguém com experiência na área da tecnologia para o ajudar na parte dos negócios, enquanto eu procurava um emprego no qual pudesse aprender mais acerca do negócio. Pôr-me no terreno. Acho que ele ao início hesitou um pouco, já que as minhas competências tendem realmente mais para o lado da tecnologia, mas convenci-o de que aprendo depressa.

Ela fita-me de esguelha.

— Cheira-me a ambição.

Encolho descontraidamente os ombros.

— Estamos em Los Angeles. Não é isso que define esta cidade?

— Ah! O Carl teve sorte quando ficou consigo. Será interessante ver durante quanto tempo conseguirá mantê-la. Mas vejamos... quem daqui poderia deixá-la intrigada...?

Lança um olhar de relance pela sala, apontando, por fim, para um homem de cinquenta e tantos anos que entretém uma pequena corte a um canto.

— Aquele ali é o Charles Maynard — diz-me. — Já conheço o Charlie há anos. É intimidante como tudo, até o conhecermos bem. Mas vale a pena. Os clientes dele são celebridades cujo nome toda a gente reconhece ou investidores poderosos com mais dinheiro do que Deus. Seja como for, é ele quem tem as melhores histórias.

— É advogado?

— Da Bender, Twain & McGuire. Um escritório de advogados muito conceituado.

— Eu sei — respondo, contente por demonstrar que não sou completamente ignorante, apesar de não conhecer o Rip ou o Lyle. — Um dos meus melhores amigos trabalha para essa empresa. Começou aqui mas agora está no escritório deles em Nova Iorque.

— Bom, vamos lá então, Texas. Vou apresentá-la. — Damos um passo na direção dele, mas depois a Evelyn detém-me. Maynard

sacou do telemóvel e está a gritar ordens a alguém. Apanho umas quantas imprecações bem colocadas e olho para a Evelyn, de soslaio. Ela não parece preocupada. — No fundo, ele é meigo como um gatinho. Acredite em mim, já trabalhei com ele. Quando eu era agente, criámos mais contratos de filmes biográficos para os nossos clientes do que aquilo que sou capaz de me lembrar. E também lutámos juntos para manter algumas das revelações mais escandalosas fora dos ecrãs. — Abana a cabeça, como se revivesse esses dias gloriosos, e depois dá-me uma palmadinha no braço. — Ainda assim, vamos esperar que ele se acalme um bocadinho. Mas entretanto... — Não termina a frase e vira as comissuras dos lábios para baixo, franzindo o sobrolho enquanto torna a perscrutar a sala. — Acho que ele ainda não chegou, mas... oh, sim! Ora, ali está uma pessoa que deve conhecer. E, se quer falar de vistas, a casa que ele está a construir tem uma vista que faz com que a minha se pareça, bem, com a sua. — Aponta para o átrio, mas apenas vejo cabeças a passar e alta-costura. — Ele raramente aceita convites, mas nós os dois já nos conhecemos há imenso tempo — explica-me.

Continuo a não ver de quem fala, mas depois a multidão afasta-se e eu vejo o homem de perfil. Fico com os braços arrepiados, mas não é frio o que sinto. De súbito, fico muito, muito quente.

Ele é alto e tão bonito que o adjetivo é quase um insulto. Mas é mais do isso. Não é uma questão de aparência, é a sua própria *presença*. Ele apodera-se da sala pelo simples facto de se encontrar nela, e apercebo-me de que eu e a Evelyn não somos as únicas a ter reparado que chegou. Decerto sentirá o peso de todos aqueles olhares, mas a atenção não o perturba, de todo. Sorri à rapariga do champanhe, aceita um copo e começa a conversar descontraidamente com uma mulher que o aborda, com um sorriso coquete no rosto.

— Maldita rapariga — exclama a Evelyn. — Não chegou a trazer-me o vodca.

Porém, eu mal a oiço.

— Damien Stark — digo. A minha voz surpreende-me. É pouco mais do que um sussurro.

As sobrancelhas da Evelyn arqueiam-se tanto que eu deteto o movimento com a minha visão periférica.

— Ora, ora, quem diria? — diz ela, num tom sapiente. — Parece que acertei.

— Acertou — admito. — O Sr. Stark é mesmo o homem que quero conhecer.

«O Damien Stark é o Santo Graal», dissera-me o Carl horas antes. Logo a seguir a: «Caramba, Nikki. Estás uma brasa.»

Acho que estava à espera de que eu corasse, sorrisse e lhe agradecesse a gentileza daquelas palavras. Dado que não o fiz, ele pigarreou e foi direto ao assunto:

— Sabes quem é o Stark, certo?

— Viste o meu currículo — lembrei-lhe. — A bolsa?

Eu tinha recebido a Bolsa Científica Internacional Stark durante quatro dos cinco anos que passara na Universidade do Texas, e aqueles dólares extras em cada semestre tinham feito toda a diferença. É claro que, mesmo sem uma bolsa, era preciso ser de Marte para nunca ter ouvido falar do homem. Com apenas trinta anos, o misantrópico ex-tenista tinha investido os milhões que ganhara em prémios e patrocínios e reinventara-se. Os seus dias de estrela do ténis haviam sido eclipsados pela sua nova identidade de empresário, e o tremendo império que construía colhia milhares de milhões todos os anos.

— Certo, certo — anuiu o Carl, distraído. — Na terça-feira, a Equipa Abril vai fazer uma apresentação na Stark Applied Technology.

Na C-Squared, todas as equipas dedicadas à promoção de um produto têm nomes de meses. Mas como só há vinte e três

funcionários na empresa, ainda não chegámos aos meses de outono ou inverno.

— Isso é fabuloso — comentei, e estava a ser honesta. Inventores, criadores de *software* e empresários ávidos esfalfavam-se para conseguirem uma entrevista com Damien Stark. Se o Carl tinha conseguido reservar aquele tempo para a sua empresa isso era uma prova de que valera a pena aceitar o emprego.

— Podes crer — disse ele. — Vamos mostrar a versão beta do *software* de treino em 3D. O Brian e o Dave estão em sintonia comigo — acrescentou, referindo-se aos dois criadores de *software* que tinham escrito a maior parte do código do produto. Tendo em conta as aplicações que teriam na área do atletismo e o destaque dado pela Stark Applied Technology à medicina e ao treino desportivos, só me restava prever que o Carl estava prestes a apresentar mais um produto vencedor. — Quero que estejas presente na reunião — continuou, ao que eu consegui não cair na vergonha de fazer um gesto de vitória com um punho no ar. — Neste momento, temos uma reunião marcada com o Preston Rhodes. Sabes quem é ele?

— Não.

— Ninguém sabe. Porque o Rhodes é um zé-ninguém.

Então, o Carl não ia encontrar-se com Stark, afinal. Eu, no entanto, tinha um pressentimento quanto ao rumo que aquela conversa estava a tomar.

— Pergunta-surpresa, Nikki. Como é que um génio talentoso como eu obtém um encontro com alguém tão poderoso como o Damien Stark?

— Fomentando relações com as pessoas certas — respondi. Não era por acaso que eu tinha sido uma aluna excepcional.

— E foi por isso que te contratei.

Tocou com um dedo na têmpora, ainda que o seu olhar me percorresse o vestido e se demorasse no meu decote. Ao menos não era grosseiro a ponto de dar voz ao facto básico de esperar

que as minhas mamas — e não o seu produto — intrigassem de tal forma Stark que este se sentisse compelido a ir pessoalmente à reunião. Mas, sinceramente, não me parecia que o meu peito estivesse à altura daquilo. Sou agradável à vista, mas tenho uma beleza convencional, como a namoradinha da América. E por acaso até sei que Stark prefere modelos de passarela.

Fiquei a par disso há seis anos, quando ele ainda jogava ténis e eu ainda tentava ganhar tiaras. Ele fora a celebridade convidada para fazer parte do júri do concurso Miss Texas e, embora mal tivéssemos trocado uma dúzia de palavras na festa dada a meio do concurso, o encontro ficara gravado na minha memória.

Eu tinha-me deixado ficar perto do *buffet* e estava a contemplar os quadrados minúsculos de *cheesecake*, perguntando-me se, caso comesse apenas um, a minha mãe conseguiria detetá-lo no meu hálito; nessa altura, ele entrou no salão com o género de confiança ousada que, nalguns homens, pode parecer arrogância, mas que em Damien Stark era apenas de uma sensualidade incrível. Primeiro olhou para mim, depois para os *cheesecakes*. Em seguida pegou em dois e meteu-os na boca. Mastigou, engoliu e depois sorriu-me. Os seus olhos invulgares, um ambarino e o outro quase completamente negro, pareciam bailar de divertimento.

Tentei pensar em algo espirituoso para lhe dizer, mas falhei por completo. Por isso limitei-me a ficar diante dele, com o meu sorriso cordial pespegado na cara, enquanto me perguntava se um beijo dele me proporcionaria todo o sabor sem nenhuma das calorias.

Depois ele debruçou-se e eu contive a respiração à medida que ele se aproximava.

— Acho que somos almas gémeas, Menina Fairchild.

— Peço desculpa?

Estaria ele a falar do *cheesecake*? Meu Deus, eu não tinha feito um ar guloso ao vê-lo comer, pois não? Era uma ideia aterradora.

— Nenhum de nós quer estar aqui — explicou-me.

Inclinou ligeiramente a cabeça na direção de uma saída de emergência ali perto e eu fui acometida pela imagem súbita em que ele me agarrava por uma mão e desatava a correr. A clareza do pensamento alarmou-me. Mas a certeza de que eu iria com ele não me assustou de todo.

— Eu... oh — balbuciei.

Os seus olhos franziram-se com o sorriso e ele abriu a boca para falar. Não cheguei a saber o que ia dizer, no entanto, pois Carmela D'Amato aproximou-se de nós e deu-lhe o braço.

— Damie, querido. — Tinha um sotaque italiano carregadíssimo e um cabelo escuro ondulado e denso. — Vem. Temos de ir, sim?

Nunca fui grande consumidora de revistas sensacionalistas, mas é difícil evitar as bisbilhotices das celebridades quando se participa em concursos de beleza. Por isso, tinha visto os cabeçalhos e os artigos que indicavam uma ligação entre o grande tenista e a supermodelo italiana.

— Menina Fairchild — disse ele, despedindo-se de mim com um aceno de cabeça antes de se voltar de modo a escoltar Carmela para o meio da multidão e para fora do edifício. Vi-os irem-se embora, consolando-me com a ideia de lhe ter visto um desapontamento nos olhos quando nos separáramos. Desapontamento e resignação.

Não havia, claro está. E porque é que haveria? Mas essa pequena fantasia agradável tinha-me permitido aguentar o resto do concurso.

E não referi nem de passagem o nosso encontro ao Carl. Algumas coisas devem ser mantidas em segredo. Incluindo quanto anseio tornar a deparar-me com Damien Stark.

— Venha daí, Texas — diz a Evelyn, arrancando-me aos meus pensamentos. — Vamos dizer *olá*.

Sinto um toque no ombro e, quando me viro, encontro o Carl atrás de mim. Está com um sorriso que sugere que acabou de ir

para a cama com alguém. Eu sei que não se trata disso. Está apenas aturdido com a expectativa de se aproximar de Damien Stark.

Bem, também eu.

A multidão volta a mexer-se e bloqueia-me a visão do homem. Ainda não lhe vi o rosto, só o perfil, e agora nem isso distingo. A Evelyn vai à minha frente, avançando por entre as pessoas, apesar de fazer algumas pausas para conversar com os seus convidados. Estamos outra vez em andamento quando um homem de tronco cilíndrico e *blazer* de xadrez se chega para a esquerda, revelando novamente Damien Stark.

Está ainda mais magnífico do que era há seis anos. A ousadia da juventude foi substituída por uma confiança madura. É Jasão, Hércules e Perseu — uma figura tão forte, bela e heroica que o sangue dos deuses decerto fluirá nas suas veias, pois de que outro modo poderia um ser tão perfeito existir neste mundo? O seu rosto é constituído por linhas e ângulos bem definidos que parecem esculpidos por luz e sombras, dando-lhe em simultâneo a aparência de uma beleza clássica e um carácter inegavelmente único. O seu cabelo absorve a luz como uma asa de corvo, mas não é tão liso. Pelo contrário, parece revolvido pelo vento, como se ele tivesse passado o dia no mar.

Aquele cabelo, combinado com as calças pretas feitas à medida e uma camisa branca engomada, oferece-lhe uma elegância informal, e é fácil acreditar que se trata de um homem que se sente tão confortável num campo de ténis como numa sala de reuniões.

Os seus olhos famosos chamam-me a atenção. Parecem irrequietos, perigosos e cheios de promessas obscuras. O que é mais importante é que me observam. Seguem-me enquanto avanço na sua direção.

Sou acometida por uma estranha sensação de *déjà vu* à medida que atravesso o salão, hiperalerta ao meu corpo, à minha postura, à colocação dos meus pés. É uma tolice, mas sinto-me como se tivesse voltado a ser uma participante de um concurso de beleza.

Mantenho o olhar fixo em frente, sem o focar. Não me agrada o nervosismo que se insinuou nos meus gestos. A sensação de que ele será capaz de ver através da armadura que uso com o meu simples vestido preto.

Um passo, depois outro.

Não consigo evitá-lo; olho diretamente para ele. Entrelhamo-nos e juro que todo o ar é extraído da sala. É a minha velha fantasia a ganhar vida e fico completamente perdida. A sensação de *déjà vu* desaparece e nada existe para lá deste momento, elétrico e potente. *Sensual*.

Tanto quanto sei, sou capaz de estar a rodopiar pelo espaço sideral. Mas não, estou aqui mesmo, com o chão debaixo de mim, as paredes à minha volta, e os olhos de Damien Stark a fitarem os meus. Vejo calor e determinação. E depois vejo apenas um desejo cru e primário tão intenso que receio estilhaçar-me sob a sua força.

O Carl agarra-me um cotovelo para me amparar e só então me dou conta de que comecei a cambalear.

— Estás bem?

— Sapatos novos. Obrigada.

Lanço uma nova mirada a Stark, mas os seus olhos tornaram-se inexpressivos. A boca contraiu-se numa linha fina. O que quer que tenha sido aquilo — e que raio terá sido? —, o momento passou.

Quando chegamos ao pé de Stark, já quase me convenci de que foi apenas imaginação minha.

Mal compreendo as palavras que a Evelyn diz para apresentar o meu chefe. A seguir sou eu, e o Carl encosta a mão ao meu ombro para me fazer avançar. Tem a palma da mão suada e só com esforço me refreio de encolher os ombros e afastá-la da minha pele.

— A Nikki é a nova assistente do Carl — explica a Evelyn.

Estendo a mão.

— Nikki Fairchild. É um prazer.

Não menciono que já nos conhecemos. Não me parece a altura certa para o recordar de que certa vez desfilei à sua frente de fato de banho.

— Menina Fairchild — diz ele, ignorando a minha mão. Sinto o estômago às voltas, mas não sei bem se será por nervosismo, desapontamento ou raiva. Olha para o Carl e para a Evelyn, fazendo questão de evitar os meus olhos. — Terão de me dar licença. Há uma situação que requer a minha presença imediata.

E depois desaparece, engolido pela multidão com a eficácia de um mágico que se desvanecesse numa nuvem de fumo.

— Mas que raio...? — insurge-se o Carl, resumindo exatamente o que sinto.

Silenciosa, contrariamente à sua natureza, a Evelyn limita-se a fitar-me, com as comissuras da sua boca expressiva voltadas para baixo.

Mas eu não preciso de palavras para saber o que está a pensar. Vejo perfeitamente que está a perguntar-se o mesmo que eu: o que aconteceu?

Mais importante: que raio terei eu feito de errado?

O meu momento de mortificação paira sobre nós durante aquilo que me parece uma eternidade. Depois o Carl segura-me num braço e começa a afastar-me da Evelyn.

— Nikki? — chama-me ela, com a preocupação visível no seu olhar.

— Eu... está tudo bem — digo eu.

Sinto-me estranhamente dormente e muito confusa. Era por isto que eu ansiava?

— Estou a falar a sério, Nikki — diz o Carl, assim que nos afastámos o suficiente da nossa anfitriã. — Que porra foi aquela?

— Não sei.

— Uma ova — riposta ele. — Vocês já se conheciam? Chateaste-o? Candidataste-te a um emprego na empresa dele antes de vires trabalhar para mim? O que raio é que fizeste, Nichole?

A utilização do meu nome de batismo faz-me ranger os dentes.

— A culpa não é minha — respondo, pois quero que isso seja verdade. — Ele é famoso. É excêntrico. Foi mal-educado, mas não foi uma coisa pessoal. Como raio poderia ter sido? — Ouço a minha voz a elevar-se e obrigo-me a controlá-la. A respirar.

Cerro a mão esquerda num punho tão contraído que as unhas se cravam na minha palma. Concentro-me na dor, no mero processo de respirar. Preciso de descontraír. Preciso de me acalmar. Não posso deixar que a fachada da Nikki Social me escape.

A meu lado, o Carl passa os dedos pelo cabelo e inspira ruidosamente.

— Preciso de uma bebida. Anda.

— Eu estou bem, obrigada.

Isso nem por sombras é verdade, mas o que preciso neste instante é de ficar sozinha. Pelo menos, tão sozinha quanto possível numa sala cheia de gente.

Percebo que ele quer discutir. Também percebo que ainda não decidi o que vai fazer. Voltar a abordar Stark? Deixar a festa e fingir que aquilo nunca aconteceu?

— Muito bem — resmunga. Afasta-se com passos zangados e ainda o ouço a murmurar: — Merda — enquanto desaparece no meio da multidão.

Expiro, com a tensão dos ombros a desvanecer-se. Encaminho-me para a varanda, mas paro assim que vejo que o meu lugar privado foi descoberto. Estão pelo menos oito pessoas lá fora, a conversar e a sorrir. Já eu não estou com disposição para isso.

Viro-me para um dos cavaletes de pé e fito a pintura. Representa uma mulher nua ajoelhada num chão de mosaicos. Tem os braços acima da cabeça e os pulsos atados por uma fita vermelha.

A fita está presa a uma corrente que sobe pela tela; a mulher tem os braços tensos, como se estivesse a puxar para baixo, a tentar libertar-se. Tem o estômago liso e as suas costas arqueadas revelam as linhas da caixa torácica. Os seios pequenos e os mamilos eretos com auréolas castanhas e contraídas são brilhantemente realçados pela perícia do artista.

O rosto não tem o mesmo destaque. Está inclinado, envolto em tons de cinza. Fico com a impressão de que a modelo se envergonha da sua excitação. Que se libertaria se pudesse. Mas não pode.

Está ali presa, com o prazer e a vergonha expostos diante do mundo inteiro.

Arrepio-me e apercebo-me de que esta rapariga e eu temos algo em comum. Eu senti um potente choque sensual e delíciei-me com ele.

Depois Stark pôs-lhe fim, tão depressa como se tivesse desligado um interruptor. E, tal como aquela modelo, eu fiquei a sentir-me pouco à vontade e envergonhada.

Bem, ele que se lixasse. Aquela tipa na tela podia estar encavacada, mas eu não ia ficar assim. Vi o calor nos olhos dele e isso excitou-me. Ponto final. Fim da história. Está na altura de avançar.

Lanço um olhar empedernido à mulher da tela. Ela é fraca. Não gosto dela e não gosto da pintura.

Começo a afastar-me, com a confiança em mim mesma restaurada — e vou logo contra Damien Stark, nem mais nem menos.

Ora, que merda.

A sua mão desliza pela minha cintura numa tentativa de me amparar. Apresso-me a recuar, mas não a tempo de impedir que a minha mente processe o contacto. Ele é esguio e musculado e eu sinto-me desconfortavelmente ciente dos sítios em que o meu corpo colidiu com o dele. A palma da minha mão. Os meus seios. Tenho a curva da cintura com formigueiro, por causa da sensação persistente do toque dele.

— Menina Fairchild.

Está a olhar diretamente para mim e os seus olhos não se mostram nem inexpressivos, nem frios. Dou-me conta de que deixei de respirar.

Pigarreio e esboço um sorriso educado. Do género que anuncia subtilmente: «Vai-te lixar.»

— Devo-lhe um pedido de desculpas.

Oh.

— Sim — respondo, surpreendida. — Deve.

Espero, mas ele não diz mais nada. Em vez disso, volta a sua atenção para o quadro.

— É uma imagem interessante. Mas a menina teria sido um modelo muito melhor.

Mas que...?

— Esse foi o pior pedido de desculpas que alguma vez ouvi. Ele aponta para o rosto da modelo.

— Ela é fraca — diz ele, e eu esqueço-me por completo do pedido de desculpas. Sinto-me demasiado intrigada pela forma como as suas palavras fazem eco dos meus pensamentos anteriores. — Suponho que algumas pessoas se sintam atraídas pelo contraste. Desejo e vergonha. Mas eu prefiro algo mais ousado. Uma sensualidade mais confiante.

Ele olha para mim ao dizer a última frase e eu não sei se acabou de pedir desculpa por me ter ignorado, se me elogiou a compostura ou se está a ser completamente indecente. Decido interpretar as suas palavras como um elogio e ver no que dá. Talvez não seja a abordagem mais segura, mas é a mais lisonjeira.

— Fico satisfeita que seja essa a sua opinião — digo-lhe. — Mas ser modelo não faz nada o meu género.

Ele dá um passo atrás e, com movimentos lentos e deliberados, observa-me de alto a baixo. Parece-me que a sua inspeção dura horas, embora deva ter sido completada em escassos segundos. O ar à nossa volta crepita e eu quero aproximar-me dele, tornar a eliminar o espaço entre nós. Mas mantenho-me imóvel.

Demora-se por um instante nos meus lábios antes de finalmente erguer a cabeça e me corresponder ao olhar, altura em que me mexo. Não consigo evitá-lo. Sou atraída pela força e pela presença da tempestade que se forma naqueles olhos malditos.

— Não — é tudo o que ele diz.

Ao início sinto-me confusa, pois penso que se está a queixar da minha proximidade. Mas depois percebo que era apenas a resposta ao meu comentário acerca de não fazer o meu género ser modelo.

— Faz, sim — continua. — Mas não assim... exposta numa tela para que toda a gente veja, pertencendo a todos e a ninguém. — A sua cabeça inclina-se ligeiramente para a esquerda, como se experimentasse ver-me num ângulo diferente. — Não — repete num murmúrio, embora desta feita não desenvolva o seu raciocínio.

Não sou dada a corar e fico envergonhadíssima ao sentir as faces a arder. Para alguém que ainda há pouco mandou este homem ir dar uma volta, ainda que só mentalmente, estou a sair-me muito mal.

— Esperava ter a oportunidade de falar consigo hoje — digo-lhe.

Ele arqueia ligeiramente o sobrolho, o que lhe dá uma expressão de divertimento cordial.

— Sim?

— Sou uma das suas bolsieras. Queria agradecer-lhe.

Ele não responde.

Prossigo:

— Trabalhei enquanto estudava, pelo que a bolsa foi uma ajuda enorme. Acho que não teria conseguido fazer uma licenciatura dupla se não tivesse ajuda financeira. Por isso, obrigada.

Continuo a não mencionar o concurso de beleza. No que me diz respeito, eu e Damien Stark estamos bem embrenhados no território dos recomeços.

— E o que faz agora, depois de deixar os veneráveis corredores académicos?

Fala num tom tão formal que nem percebo se está a fazer pouco de mim. Ignoro o pensamento e respondo-lhe com seriedade:

— Juntei-me à equipa da C-Squared. Sou a nova assistente do Carl Rosenfeld.

A Evelyn já lho tinha dito, mas parto do princípio de que ele não lhe prestou atenção.

— Compreendo.

Di-lo de uma maneira que sugere que não compreende de todo.

— Há algum problema?

— Duas licenciaturas. Uma média altíssima. Recomendações fantásticas de todos os professores. Aceite em programas de doutoramento tanto do MIT como do Cal Tech.

Fito-o, pasmada. O Comité da Bolsa Internacional Stark atribui trinta bolsas por ano. Como raio é possível que saiba tanto sobre o meu percurso académico?

— Acho simplesmente interessante que tenha acabado, não a dirigir uma equipa de desenvolvimento de produtos, mas antes a fazer trabalho de sapa como assistente do proprietário.

— Eu...

Não sei o que dizer. A natureza surreal deste interrogatório deixa-me a cabeça às voltas.

— Anda a dormir com o seu chefe, Menina Fairchild?

— *O quê?!*

— Perdão. A minha pergunta foi pouco clara? Queria saber se vai para a cama com o Carl Rosenfeld.

— Eu... *não!* — grito bruscamente, porque não posso permitir que essa imagem dure mais do que um segundo. Mas arrependo-me imediatamente de ter respondido. Que *raio* de pergunta foi aquela?

— Ainda bem — diz ele, num tom tão decidido e firme, com uma intensidade tal que esqueço qualquer intenção de me vingar verbalmente dele. Os meus pensamentos, na verdade, seguiram por um atalho inesperado e eu estou inegável e desconfortavelmente excitada. Lanço um olhar zangado à mulher do retrato, odiando-a ainda mais e sem estar particularmente satisfeita com Damien Stark ou comigo mesma. Suponho que temos algo em comum, no entanto. Neste momento, ambos me imaginamos sem este vestidinho preto.

Merda.

Ele nem sequer tenta disfarçar o seu divertimento.

— Creio que a choquei, Menina Fairchild.

— Raios, sim, chocou-me. Do que é que estava à espera?

Ele não responde, limitando-se a lançar a cabeça para trás numa gargalhada. É como se uma máscara tivesse caído, oferecendo-me um vislumbre do verdadeiro homem que se oculta por trás dela. Sorrio, pois agrada-me que tenhamos essa pequena coisa em comum.

— Há espaço para mais gente nesta festa? — intervém o Carl, a quem me apetece desesperadamente responder que não.

— Que bom voltar a vê-lo, Sr. Rosenfeld — diz Stark. A máscara regressou ao seu lugar.

O Carl mira-me e eu vejo a dúvida no seu olhar.

— Queiram desculpar-me por um segundo — digo-lhes.

Escapo para a elegância fresca da casa de banho da Evelyn. Ela teve o cuidado de providenciar elixir dentário, laca e até escovas de rímel descartáveis. Há um esfoliante de aroma a alfazema no toucador de mármore e ponho um pouco nas mãos, após o que fecho os olhos e esfrego, imaginando que estou a livrar-me da minha própria carapaça para revelar algo luminoso, brilhante e novo.

Enxaguo as mãos com água morna e em seguida acaricio a pele com as pontas dos dedos. Fiquei com as mãos suaves. Lustrosas e sensuais.

Fito os meus próprios olhos no espelho.

— Não — sussurro, mas a minha mão desce e roça na bainha do meu vestido, mesmo abaixo dos joelhos. É justo no peito e na cintura, mas a saia é fluida, feita para oscilar de forma sedutora quando andamos.

Os dedos dançam pelo meu joelho e depois sobem ociosamente pela parte interna da minha coxa. Fixo o meu olhar no espelho e em seguida fecho os olhos. É o rosto de Stark que quero ver. Imagino os seus olhos a contemplarem-me a partir daquele espelho.

Há sensualidade na forma como os meus dedos perpassam lentamente a minha própria pele. Um erotismo demorado que noutra altura poderia levar a algo sensual e explosivo. Mas não é isso que eu quero — é isso que estou a destruir.

Paro quando o sinto — o tecido irregular e saliente da cicatriz com cinco anos que me marca a pele outrora perfeita do interior da coxa. Faço pressão com a ponta dos dedos, lembrando-me da dor que caracterizava aquela ferida em particular. Foi nesse fim de semana que a minha irmã, Ashley, morreu, e eu por pouco não sucumbi sob o peso da minha tristeza.

Mas isso faz parte do passado; fecho os olhos com força, sentindo o corpo quente e a cicatriz a latejar debaixo da minha mão.

Desta feita, quando abro os olhos, só me vejo a mim. Nikki Fairchild, de novo sob controlo.

Envolvo-me na minha confiança restaurada como se fosse uma manta e volto à festa. Os dois homens observam-me enquanto me aproximo. A expressão de Stark é ilegível, mas o Carl nem sequer tenta disfarçar a sua alegria. Parece um miúdo de seis anos na manhã de Natal.

— Despede-te, Nikki. Vamos embora. Temos muito que fazer. *Muito* que fazer.

— O quê? Já? — Não me dou ao trabalho de ocultar a confusão.

— Acontece que o Sr. Stark não vai estar cá na terça, portanto antecipámos a reunião para amanhã.

— Sábado?

— Isso constitui algum problema? — pergunta-me Stark.

— Não, é claro que não, mas...

— O Sr. Stark vai participar pessoalmente na reunião — explica o Carl. — Pessoalmente — repete, como se me pudesse ter escapado da primeira vez.

— Certo. Vou só procurar a Evelyn para me despedir.

Começo a afastar-me, mas a voz de Stark faz-me regressar.

— Gostaria que a Menina Fairchild continuasse na festa.

— O quê?! — exclama o Carl, dando voz ao que me passa pela cabeça.

— A casa que estou a construir está quase completa. Vim cá em busca de uma pintura para um quarto em particular. Gostaria

de ter uma perspectiva feminina. Assegurar-me-ei de que chega a casa sã e salva, naturalmente.

— Oh. — O Carl parece prestes a protestar, mas depois reconsidera. — Ela terá todo o gosto em ajudá-lo.

Uma porra é que terá. Uma coisa é usar um vestido. Outra é falar por completo ao ensaio da reunião porque um multimilionário egoísta estalou os dedos para que eu saltasse. Por mais atraente que seja o dito multimilionário.

Contudo, o Carl intervém antes que eu possa contrariá-lo de forma coerente.

— Falamos amanhã de manhã — diz-me. — A reunião é às duas.

E depois vai-se embora e eu fico a fumar ao lado de um Damien Stark muito cheio de si.

— Mas quem é que o senhor acha que é?

— Eu sei exatamente quem sou, Menina Fairchild. A menina sabe?

— Talvez seja mais adequado perguntar: quem raio é que acha que *eu* sou?

— Sente-se atraída por mim?

— Eu... o quê? — replico, a titubear. As palavras dele desequilibraram-me e tenho dificuldade em recuperar a estabilidade. — Essa não é, de todo, a questão.

A comissura dos seus lábios agita-se e eu percebo que revelei demasiado.

— Sou assistente do Carl — digo-lhe, firme e lentamente. — Não sua. E as minhas funções não incluem decorar-lhe a porcaria da casa.

Não estou a gritar, mas tenho a voz tensa como um fio esticado e o corpo ainda mais.

Stark, demónios o levem, parece estar não apenas perfeitamente confortável, mas também absolutamente divertido.

— Se as suas funções incluem ajudar o seu chefe a arranjar capital, talvez queira repensar a sua postura. Insultar potenciais investidores não é a melhor abordagem.

Sou acometida por uma pontada gélida de medo por poder ter dado cabo de tudo.

— Talvez não — reconheço. — Mas se vai reter o seu dinheiro porque eu não me rebolei e levantei a saia para si, então não será o homem que a comunicação social retrata. O Damien Stark sobre qual eu li investe em qualidade. Não em amizades, ou relações, ou por achar que um pobre inventor precisa de ajuda. O Damien Stark que eu admiro concentra-se no talento, nada mais. Ou isso é apenas a imagem que passa para o exterior?

Endireito-me, pronta a enfrentar quaisquer agressões verbais com que ele vá reagir. Mas não estou preparada para a resposta que obtenho.

Stark ri-se.

— Tem razão — diz ele. — Não vou investir na C-Squared porque conheci o Carl numa festa, tal como não investiria na empresa por a ter na minha cama.

— Oh.

Mais uma vez, fico com as faces quentes. Mais uma vez, ele desequilibrou-me.

— Não obstante, quero-a.

Tenho a boca seca. Só depois de engolir consigo falar.

— Para o ajudar a escolher um quadro?

— Sim — confirma ele. — Por agora.

Obrigo-me a não pensar no que sucederá depois.

— Porquê?

— Porque preciso de uma opinião honesta. A maior parte das mulheres que me acompanham dizem o que julgam que me deixará contente, não o que realmente pensam.

— Mas eu não o acompanho, Sr. Stark.

Deixo as palavras pairarem durante algum tempo. Depois viro-me deliberadamente e afasto-me. Sinto-o a observar-me, mas não paro nem me volto para ele. Devagar, forma-se um sorriso no meu rosto. Até acrescento um pequeno bambolear à forma como

caminho. É o meu momento de triunfo e tenho toda a intenção de o saborear.

Só que a vitória não é tão deliciosa como esperava. Na verdade, é um bocado amarga. Pois, secretamente — oh, é um grande segredo —, não sou capaz de deixar de imaginar como seria ser a rapariga que acompanha Damien Stark.

Ele era o único homem que ela não podia evitar E o único homem a quem ela não conseguia resistir

Nikki Fairchild tem 24 anos e parte do Texas para Los Angeles em busca de um sonho. Bela, inteligente e criativa, ambiciona montar o seu próprio negócio na área da tecnologia.

Damien Stark tem 30 anos e é uma antiga estrela do ténis. Atualmente é um empresário rico, poderoso e bem-sucedido, com negócios em múltiplas áreas. Sensual, ousado, e controlador, Damien é desejado por todas as mulheres que o rodeiam.

**Os caminhos de ambos cruzam-se,
dando lugar a um romance arrebatador,
revestido de uma carga emocional e erótica
tão poderosa que os preenche e os consome.**

Mas tanto Damien como Nikki possuem segredos íntimos que temem partilhar. Poderão os fantasmas do passado forçar a sua separação?

**A história de uma paixão obsessiva
entre um homem que não conhece
a palavra «não» e uma mulher que sabe
quando dizer «sim», escrita num tom
excitante e com todos os detalhes.**

«Aguardo impacientemente pela continuação desta história! Um livro obrigatório para todos os que gostaram de *As Cinquenta Sombras de Grey* e de *Rendida*.»



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN: 978-989-8626-22-6



9 789898 626226

www.topseller.pt